



O SUPERVISOR ESCOLAR E OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A CULTURA E A ARTE

RESUMO

O presente estudo preconiza reflexões sobre os múltiplos olhares entre a cultura e a arte e, neste contexto, traz à baila, na discussão, qual pode ser o papel do Supervisor Escolar frente a formação dos docentes. Uma das possibilidades, na tentativa de atender esta demanda, o texto traz subsídios que permitem compreender os diferentes conceitos e desmistificar os discursos do senso comum frente à arte e à cultura. Este estudo é fruto de uma caminhada de doutoramento em educação, momento em que trouxe à baila tantas indagações, tantas reflexões para procurarmos descortinar o campo da formação do sensível aliado ao inteligível na Educação, em especial no ambiente escolar. Trata-se do fragmento de um estudo maior, cuja metodologia de pesquisa é de ordem qualitativa, que envolveu atores do processo escolar, por meio de coleta de dados, via desenvolvimento de grupo focal e elaboração de cartografia poética. Este recorte que se traz, é oriundo do aporte teórico e primordial do campo da filosofia, da educação, das artes e da cultura que viabilizam a compreensão de que há convergências e divergências entre arte e cultura. Para este estudo, chamou-se à baila autores renomados no campo da educação, da arte e da cultura: Nogueira (2008), Cuche (2002), Coelho (2008), Duarte JR. (2001), que apresentam sua visão de que um ambiente artístico e cultural é necessário para a formação dos sujeitos; assim como Arroyo (2008) e Vasconcellos (2009), que trazem a ideia de um Supervisor Escolar sensível às necessidades estéticas dos docentes.

Palavras-Chave: Arte. Cultura. Formação Docente. Supervisão Escolar.

INTRODUÇÃO

Este texto convida a refletir sobre os múltiplos olhares entre a cultura e a arte e qual o papel do Supervisor Escolar que está engajado na formação dos sujeitos? Uma das possibilidades para tentar responder a essas e outras perguntas é buscar compreender os

SOARES, Andrey Felipe Cé.
Pedagogo; Mestre e Doutor em
Educação
(SINERGIA)
cesores@gmail.com
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4427471Z4>

SOARES, Andrey Felipe Cé. O supervisor escolar e os múltiplos olhares sobre a cultura e a arte. **REFS** – Revista Eletrônica da Faculdade Sinergia, Navegantes, v.9, n.14, p. 62-71, jul./dez. 2018.

diferentes conceitos e desmistificar os discursos do senso comum frente à arte e à cultura. Este estudo é fruto de uma caminhada de doutoramento em educação, momento em que trouxe à baila tantas indagações, tantas reflexões para procurarmos descortinar o campo da formação do sensível aliado ao inteligível na Educação, em especial no ambiente escolar.

Trata-se de um fragmento de um estudo maior de ordem qualitativa, que envolveu atores do processo escolar, entretanto o recorte que se traz, oriundo do aporte teórico, é primordial para

compreensão de que há convergências e divergências entre arte e cultura. Para este estudo chamou-se à baila autores renomados no campo da educação, da arte e da cultura: Nogueira (2008), Cuche (2002), Coelho (2008), Duarte Jr. (2001), que apresentam sua visão de que um ambiente artístico e cultural é necessário para a formação dos sujeitos; assim como Arroyo (2008) e Vasconcellos (2009), que trazem a ideia de um Supervisor Escolar sensível às necessidades estéticas dos docentes.

1 VAMOS FALAR DE ARTE E CULTURA?

*Cultura é um termo polissêmico,
aberto a várias interpretações.
Por isso, possibilita entendimentos diversos,
às vezes paralelos, outras vezes
contraditórios.
(NOGUEIRA, 2008, p. 22).*

Entro em uma grande livraria. Tantas pessoas, tantos livros, tantos saberes, tantos pensares, tanta cultura... ou tanta sede pela cultura? Mas que cultura seria essa? A cultura ideológica, comercial ou econômica? Assim como outros tantos leitores que ali estavam – sou submetido a uma ‘chuva’ de pensamentos. Seria esse campo de múltiplos significados para uma mesma palavra – CULTURA – que me levava a pensar nesse sentido?

Logo, vejo-me na necessidade de definir a qual dos múltiplos significados de cultura. No entanto, como deixar evidente que há uma relação da cultura com a arte? Seria a arte um meio de se chegar à cultura ou a cultura que pode envolver as diferentes manifestações da arte? Esta é uma das intenções deste texto: desbravar esse território; problematizar sobre as diferentes e as múltiplas possibilidades de perceber a arte e a cultura, seus encontros e desencontros. Perguntas que me colocam em um estado introspectivo em plena livraria em São Paulo/SP que me convidam a investigar o que é cultura e o que podemos chamar de cultura. Nesse pensar, por vezes reproduzi a ideia do senso comum de que ter nascido ‘livre’ – ser humano – e ter vivido mais de 30 anos

imerso no meio escolar e social tenha me tornado um ser humano culto, pensante, culturalizado, civilizado talvez.

O conceito de cultura é múltiplo; origina-se do latim *cultur* e seu significado está relacionado ao cultivar, assim como ao conceito de cultivo do espírito. Quando falamos em cultura, referimo-nos “[...] unicamente a todo movimento social que se aplica aos seres humanos”. (CUCHE, 2002, p. 13). Mesmo que tratemos de objetos, manifestações artísticas, movimentos ideológicos, políticos ou econômicos, o resultado sempre envolverá o humano. Por isso, o processo de culturalização é tão discutido e recebe inúmeras interpretações e estudos que caminham pela etnografia, a antropologia até a fenomenologia.

O que está em jogo, no movimento cultural, é a constituição e a preservação da identidade coletiva, que só pode ser compreendida quando estudamos ou procuramos conhecer as relações dentro desse agrupamento social e na sua interação com grupos vizinhos. “Cultura e ‘identidade’ são conceitos que remetem a uma mesma realidade”. (CUCHE, 2002, p. 14). Pela cultura, acontece o movimento da sociedade como uma via de mão dupla, em que o humano é influenciado pela cultura, mas a cultura também é tocada pelo humano.

Apesar de todos os seres humanos terem nascido com o mesmo código genético, é a

cultura que vai nos diferenciar. Essa cultura é marcada pelas escolhas individuais de cada ser e pelas coletivas de cada grupo cultural ou social. Seja na família, na igreja, na escola ou no grupo de amigos, o que vivenciamos em sociedade, contribui diretamente na constituição do perfil cultural. Ainda, segundo Cucho (2002, p. 10): “Se todas as ‘populações’ humanas possuem a mesma carga genética, elas se diferenciam por suas escolhas culturais, cada uma inventando soluções originais para os problemas que lhe são colocados”. O poder de escolha de um grupo revela o poder das influências sociais, midiáticas, políticas e econômicas. Desse modo, o contato com as diferentes manifestações artísticas pode direcionar o indivíduo ou grupo social para práticas diferenciadas.

Defendo a ideia de que um coletivo ou individual, com olhar amplo e com bagagem cultural, sensível e científica, não se permitem ser condicionados, mas se permitem viver diante de escolhas realizadas frente às múltiplas possibilidades referenciais. Quando pensamos em cultura, dentre tantos significados, tratamos também de modos de vida, de diferentes pensamentos, escolhas e sentidos, pois, para a humanidade, nada é puramente natural, tudo é resultado de escolhas de um grupo, dentro de um coletivo em relação a outros grupos.

Com o passar dos tempos, após uma evolução gradativa do termo, cultura passa a ser associada à ‘formação’ dos homens – ação de instruir, evolução, progressão, e à ‘educação’ do espírito – ao estado de espírito cultivado pela instrução, a constituição do homem que tem cultura, aquele que se destaca na sociedade em decorrência de seus conhecimentos científicos e artísticos (voltado à elitização por meio da arte – uma posição fundamental para os pensadores iluministas). Para Nogueira (2008, p. 23), “[...] cultura é um termo que se torna emblemático do pensamento iluminista, associado sempre às ideias de progresso, educação e razão”.

Apresento a seguir os estudos de Cucho (2002). Este se dedicou a mapear o conceito de cultura, o qual começou a ser delineado na França, no século XVIII, associado à ideia de civilização, que representava o arcabouço de

saberes acumulados e que podiam ser transmitidos: “[...] a civilização é então definida como um processo de melhoria das instituições, da legislação e da educação”. (CUCHE, 2002, p. 22). A partir desse período, o homem foi colocado no centro dos processos e do universo. O debate franco-alemão (século XVII – XX) entre cultura e civilização ganhou força nesse período, quando os franceses associavam a ideia de civilização ao termo, que dialogava com o conceito de refinamento, de progresso social, de saberes universais. Com o pensamento alemão, o conceito de cultura passou a distinguir cultura de civilização, pois “[...] a cultura se opõe à civilização como a profundidade se opõe à superficialidade”. (CUCHE, 2002, p. 25).

Os estudos de Edward Tylor e Franz Boas, nesse mesmo período, corroboraram para a definição de cultura como ‘estilo’ particular que se exprime por meio da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Esse estilo, esse “espírito” próprio de cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (CUCHE, 2002). A cultura, nesse pensar, exprime o modo de ser humano específico aos pensares e às escolhas de cada grupo social. Esse olhar sobre a cultura que se impõe em virtude das escolhas coletivas e individuais fortalece-se nos Estados Unidos, um olhar antropológico que consagra a cultura como ciência em relação ao fortalecimento da Psicologia e da Sociologia.

Com a Antropologia americana, a cultura só existe em relação aos indivíduos; momento em que Edward Sapir (1884-1939) propõe uma corrente teórica denominada ‘cultura e personalidade’ que influencia tal postura antropológica. Nesse mesmo momento, em que Sapir debruça-se sobre a referida corrente, Ruth Benedict (1887-1948) dedicava-se aos estudos dos ‘tipos culturais’; ela apresenta a ideia de um ‘arco cultural’ – as diferentes culturas, as múltiplas possibilidades culturais, a configuração de cada cultura ganha força na riqueza de troca com as outras culturas. “Toda cultura é coerente, pois está de acordo com os objetivos por ela buscados, ligados a suas escolhas, no conjunto das escolhas culturais possíveis” (CUCHE, 2002, p. 77) – em cena o

poder das escolhas, das significações de um coletivo, que influencia outros grupos, influenciados por outros mais como resultado dessas interações culturais – a aculturação.

Os estudos na área que se sucederam a esse posicionamento, em especial os pensares de Roger Bastide (1898-1974), propõem uma renovação do conceito de cultura, passando a considerá-la como um movimento cultural profundamente dinâmico, um processo de estruturação, superando o pensamento estruturalista de Lévi-Strauss. A cultura deixa de ser ponto de partida para entender o processo de aculturação – de troca de traços culturais localizados nas margens das áreas culturais – para que movimento interacional entre diferentes culturas contribua com a compreensão da cultura. Segundo Cuche (2002, p. 137): “Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. O que varia é a importância de cada fase, segundo as situações”. Como podemos constatar, a cultura constituída pelas interações sociais, por meio do contínuo movimento de construção, de desconstrução e de reconstrução conceitual, decorrente das diferentes situações vivenciadas, passa a ser reconhecida. É um momento histórico em que as escolhas individuais ou coletivas, pautadas na interação, ganham força e desencadeiam uma discussão intensa que leva a Escola de Frankfurt a conceber o conceito de formação cultural como “[...] um conjunto de múltiplas leituras da realidade que se constituem, através das gerações, na própria essência da humanidade”. (NOGUEIRA, 2008, p. 22).

Com base nessa múltipla possibilidade de ler a realidade e as interações, a cultura começa a ser compreendida como um sistema extremamente dinâmico e complexo, um conjunto de elementos culturais que não estão necessariamente interligados, uma vez que: “Os elementos que compõem uma cultura não são jamais integrados uns aos outros, pois provêm de fontes diversas no tempo e no espaço”. (CUCHE, 2002, p. 140). Cultura, portanto, como um movimento complexo que se ‘alimenta’ de diferentes processos sociais, artísticos, históricos, religiosos e políticos, que não se

integram, mas se inter-relacionam. E, por vezes, acabam se integrando como decorrente desse constante movimento de construção, de desconstrução e de reconstrução, pois eles se ‘misturam’ no indivíduo. “Talvez fosse melhor substituir a palavra ‘cultura’ por ‘culturação’ para sublinhar esta dimensão dinâmica da cultura”. (CUCHE, 2002, p. 137). Compreende-se que nesse movimento de interação, de integração e de vivência pode-se formalizar a apropriação cultural, cujos elementos passam a constituir o perfil do sujeito, o que podemos chamar de CULTURAÇÃO – o processo de interação social cujos elementos artísticos, históricos, religiosos, políticos e culturais contribuem para a formação do sujeito.

Por meio dos estudos de Cuche, podemos afirmar que cultura se refere ao movimento dinâmico, complexo e sistemático de construção, de desconstrução e de reconstrução. Um conceito que corrobora com o posicionamento de Gauthier e Mellouki (2004, p. 543): “[...] cultura que é, ao mesmo tempo, conhecimento e relação construída, relação em construção, sempre inacabada, relação consigo mesmo, com o Outro e com o mundo”. Cultura que habita no campo que nos liga a nós mesmos, a nossa autoformação, que considera nossas heranças e histórias de vida, bem como reside no campo da amplitude cognitiva, artística e histórica que tem como aliada a estética e os movimentos sociais.

Como vimos, com base nos estudos de Cuche (2002), Nogueira (2008) e Gauthier e Mellouki (2004), o termo cultura pode receber inúmeros significados devido à diversidade de áreas em que está presente, bem como a que movimento ou época pode ser atribuída. A cultura é vista pelos autores em questão como um movimento de formação humana, que envolve diversos elementos culturais e sociais. Pensamento que contribui para o conceito de que o ser cultural é um ser humano dedicado a cultivar o saber, a ampliar seu olhar diante da realidade e de produzir cultura por meio das múltiplas possibilidades de manifestação artística e cultural.

Cultura resultante de vivências interativas que podem causar um afetamento decorrente

das escolhas de cada sujeito ou do disponibilizado no meio social. Um repertório artístico e cultural que nos convida a refletir sobre os possíveis encontros entre a arte e a cultura, bem como sobre o desenvolvimento de um perfil cultural que instiga o sujeito a ampliar seu olhar investigativo, curioso, estético, refinado e emancipatório.

Ao mapear o conceito de cultura, Cuche (2002) faz uso do pensamento de Sapir (1949 apud CUCHE, 2002, p. 105), quando afirma que: “O verdadeiro lugar da cultura está nas interações individuais” – um movimento complexo que reconhece que, antes de olhar a coletividade, seria pertinente pensar as interações e as vivências individuais e de como

estas podem determinar o perfil de cada sujeito. Trata-se de entender que esse processo de formação envolve a ampliação do repertório artístico, que as escolhas culturais influenciam na constituição da personalidade e no modo de ver as diferentes realidades e que as interações corroboram para o refinamento dos sentidos.

São posicionamentos que convidam a reconhecer a cultura como um constante movimento complexo de construção, de desconstrução e de reconstrução, pautado nas interações individuais e que, por meio das diferentes manifestações artísticas e culturais, pode ser potencializador de sensações, de afetamentos e de agenciamentos.

2 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE CULTURA E ARTE

Eu te digo, aquele que não conhece a verdade é simplesmente um ignorante, mas aquele que a conhece diz que é mentira, este é um criminoso. A culpa de Galileu consistiria assim, no “pecado original” da ciência moderna.
(Trecho do texto de Brecht em 1945)

Galileu Galilei – *“Leben des Galileu”* – é uma peça teatral que esteve em cartaz no Teatro Tuca, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Com texto de Bertold Brecht, de 1945, escrito em colaboração com o ator anglo-americano Charles Laughton, a peça convidou-nos a trazer a epígrafe citada. A vida de Galileu, uma peça encenada nos palcos de teatro, cuja montagem tem como atriz principal Denise Fraga, narra parte da biografia do artista italiano que conseguiu provar que a terra girava em torno do sol. Essa obra-prima cênica representa um testamento filosófico de Brecht cujo texto, *Infeliz a terra que precisa de heróis*, sintetiza os temas mais frequentes de sua obra: o problema do herói, sua discutível utilidade e o uso da razão como instrumento de luta contra a barbárie.

A peça teatral submete o público presente a uma formação estética, ao refinamento dos sentidos por meio da arte, da literatura e da filosofia, ou seria à culturalização, à civilização? O espetáculo discute: Quem fora Galileu? Ele tinha razão? Luzes, cenários, um sobe e desce

do palco, movimentos marcados, público compenetrado – podia-se ouvir o respirar de algumas pessoas – uma oratória impecável dos atores em cena e um texto clássico e ao mesmo tempo contemporâneo.

Seria esse movimento a cultura? Ou seria isso Arte? Deixar-nos estesiados de tanta beleza e por inúmeros estranhamentos, colocar-nos imersos nessa gama de conhecimentos e de sensações, envoltos de pensares vinculados aos sentidos aflorados pelo contato com as diferentes manifestações artísticas será papel da cultura ou cabe à arte? É... creio que seja a hora de compreender melhor esse território da arte e a sua relação com a cultura! Qual sua relação com o jogo ideológico, político e econômico a que estamos submetidos diariamente... Como pode a arte – a cultura – nos provocar a pensar e a viver?

Desde a Renascença, no final do século XIX, a arte tem sido visualizada por muitos como uma forma de rebeldia frente às regras de civilização e da elitização. A arte estaria associada a um olhar e a um movimento social individual e não coletivo, enquanto a cultura estaria diretamente associada ao pensar coletivo. Segundo Coelho (2008, p. 117): “A arte é vizinha da cultura, mas as aproximações entre uma e outra acabam na zona movediça que, de algum modo, delimita os territórios de uma e

outra. As diferenças entre cultura e arte são mais significativas que suas semelhanças [...]”. De certo que há, de fato, convergências e divergências entre esses dois movimentos. Ao ler o livro *A cultura e seu contrário* (COELHO, 2008), fui surpreendido por diferentes olhares conceituais. Saberes que não eram contemplados em meus pensares! Por isso a necessidade de desvendar os múltiplos conceitos sobre a ARTE e a CULTURA - podendo até reconhecer que a cultura existe sem a arte! Coelho (2008), um conceituado pesquisador e curador que atuou no Museu de Arte de São Paulo (MASP), apresenta as diferenças entre cultura e arte. Ele traz em seu livro uma síntese para entendermos a obra de cultura e a obra de arte; enfim, as políticas culturais de nosso país e do mundo.

No olhar do autor, na arte se destaca o pensar do sujeito, do indivíduo, do grupo que cria a obra para uma comunidade e não uma comunidade que cria ou reproduz em prol de uma necessidade. “A arte é uma questão de liberdade [...]”, é fruto do desejo, da liberdade, por isso é ímpar, única, independente, visa primeiramente atender ao artista e depois, quem sabe, ao grupo que pode ou não apreciar a criação. A arte é subjetiva, mexe com o emocional, provoca, incomoda e gera pensares. (COELHO, 2008, p. 125). Na arte, encontramos pequenos, mas grandiosos em significado, fragmentos de um sujeito que não tem a intenção de comunicar ou tampouco influenciar com suas ideias, mas que busca representar, expressar seus pensares e sentimentos, seu ideal para si mesmo; busca socializar, externalizar para o mundo o que vem refletindo a respeito do que vive. Talvez, por isso, que toda obra de arte, por querer ser única, exclusiva, por vezes pode até ser considerada de risco, pode desestabilizar sentimentos, anunciar mudanças conceituais e está pautada na singularidade.

A cultura por ser coletiva não depende unicamente do indivíduo para acontecer, tampouco da arte, pois a cultura está relacionada aos movimentos históricos e sociais, e às vezes artísticos, de vários sujeitos. Ela, a cultura, tem a pretensão de comunicar pensares ou ideologias de outrem; opera com

signos e símbolos que representam uma escolha coletiva, portanto visa acomodar certos pensamentos, regras, normas no intuito de confortar. Busca trazer estabilidade, que desencadeia uma identidade, um atender a necessidade de um determinado grupo, pois tem uma oratória, um discurso como narrativa, como um enredo, uma apresentação, um reproduzir, um desenvolver, uma solução.

Para Coelho (2008), a cultura, por ser temporal e contextualizada historicamente, pode ser interpretada, esclarecida, já a arte é matéria-prima para apreciação, deleite, investigação ou negação. A cultura pode ser construída, elaborada e constituída, duradoura, cumulativa, assegura continuidade, cultura um patrimônio; enquanto a arte mostra-se efêmera, particular, atemporal, dispensa a continuidade, não acumula, está focada no instante, na unicidade. Temos como exemplo a arte contemporânea, que, por meio de sua manifestação artística, tem a intenção de provocar, afetar, incomodar, convidar a pensar. Seja uma letra de música, uma pintura, uma *performance*, uma poesia ou até uma instalação artística, no momento da interação entre sujeito e objeto de arte contemporânea, muitas são as possibilidades de afetamento, estranhamento, apreciação ou imparcialidade.

Por mais inesperada que seja, a arte contemporânea recebe essa nomenclatura pela sua particularidade de estar focada no instante, dispensa entendimento, instiga o pensar, desencadeia por vezes a fruição e estabelece interações particulares a cada sujeito. A arte foge da uniformidade, ela está no campo da diversidade, das múltiplas possibilidades de pensar, na riqueza da manifestação artística e na pluralidade de olhares. A arte tem o poder de possibilitar a ampliação de nossas capacidades cognitivas para além dos limites originalmente impostos pela natureza.

Segundo Deleuze e Guattari (2013, p. 193): “A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si (*quid juris?*), embora de fato, não dure mais que seu suporte de materiais (*quid facti?*), pedra, tela, cor, química, etc.”. O que se conserva são as sensações, que, para os

autores, trata-se dos perceptos e dos afectos². Ainda para os autores, há três ordens de saberes: a filosofia criadora de conceitos, a arte que possibilita sensações, afetamentos e a ciência que cria conhecimentos. Há uma relação transversal entre elas na constante busca de colocar ordem no caos. A arte como criadora de sensações, de forças de imanência, de virtualidades, de acontecimentos, de singularidades e de potências culturais, cujo objetivo não está em reproduzir formas, mas em identificar forças e dar visibilidade a elas como em um processo de potencialização, de dar atenção aos pequenos detalhes que são o que de fato importa.

Nesse contexto, alguns conceitos são oriundos da filosofia, mas, segundo Deleuze e Guattari (2013), há também os que fazem parte do mundo das artes, que podemos chamar de perceptos. O artista pode ser um criador de perceptos que não significa a mesma coisa que percepções. O percepto é um conjunto de sensações e percepções complexas que vai além daquele que a sente - como se fosse uma descrição de determinada situação imaginada ou vivida pelo artista e que nos permite ver o mundo de outra maneira. Não há perceptos sem afectos, por sua vez, são os devires – constantes processos de mudanças atuais e não futuros – que transbordam o pensar. O afecto é o modo de sentir e existir que atua sobre a vida daquele que o observa.

Uma obra de arte pode liberar os afectos, visto que a criação do artista representa um conjunto de percepções e sensações, que faz com que sentimentos se tornem afectos e aquilo que as pessoas veem se torne percepto. A função da arte é despertar o percepto das percepções, é instigar o afecto das afecções – “[...] um extrair de sensações, um puro ser de sensações”. (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 197). Um convite a ver os detalhes, as aberturas, as vibrações e os agenciamentos presentes nas relações entre os seres humanos. Os perceptos e os afectos possibilitam junto aos

conceitos resistir à banalidade da vida. A arte que atua como uma resistência para suportar a trágica existência humana, um meio de resistir, colocar ordem ao caos e assim conseguir transformar a existência em uma obra de arte chamada vida. A arte, portanto, pode ser vista nesta tese como um meio de potencializar a ‘vida’ cultural da escola pelo viés artístico desencadeador de afectos e perceptos.

Destaco que arte e cultura, apesar de suas divergências, apresentam também convergências. É, nesse caso, acreditar que, para ambas - ARTE e CULTURA - o que está em jogo não são as verdades absolutas, mas a multiplicidade de olhares, de fazeres e de movimentos artísticos e culturais. Uma cultura que pode ser artística, quando se dedica a olhar o mundo e fazer o mundo a sua maneira. Uma parceria entre as diferentes linguagens artísticas e as múltiplas facetas culturais. Uma arte que pode nos remeter a um movimento cultural, que, por meio da sua transversalidade com a filosofia e a ciência, pode despertar no homem novos pensares, ampliar o olhar e refinar os sentidos cada vez que provoca sensações.

2.1 O SUPERVISOR ESCOLAR FRENTE A ARTE E A CULTURA NA ESCOLA

Segundo Vasconcellos (2009, p. 95), “Uma das grandes virtudes que se aponta hoje para a função supervisora é a sensibilidade, a capacidade de estar aberta, perceber o outro, reconhecer suas demandas, suas lacunas, bem como seu potencial, seu valor.” Nessa fala, o autor apresenta a sensibilidade como uma virtude importante para a o exercício da profissão do Supervisor escolar, pois, por meio dela, ele pode ser um profissional que norteia suas ações cotidianas com um olhar observador, com sensibilidade e capacidade de perceber as reais necessidades do grupo docente.

A sensibilidade está aí para ser vivida, e um dos caminhos é por meio do contato com as

² Importante ressaltar que o conceito de perceptos e afectos é definido por Spinoza em sua tese que apresenta que não há diferença de natureza entre o corpo e a alma e sim, que esses dois corpos constituem juntos um único ser.

Com essa afirmação ele vai contra o pensamento que valorizava essa dualidade, onde normalmente havia presente a intenção de desvalorização do corpo e o enobrecimento da alma.

artes. No contexto escolar, encontram-se as artes inseridas sob um olhar didático, teórico, interpretativo, como tema transversal, mas, raramente, como possibilidade de aprimoramento dos sentidos humanos. Esquece-se de que a prática docente é uma das artes humanas que atua efetivamente no processo de humanização, e continua-se a focar o pedagógico em um processo ensino-aprendizagem pragmático, pouco atrativo e que singelamente trabalha com as emoções, os sentimentos, as imagens, as cores, a percepção e a estesia. Segundo Arroyo,

As artes entram timidamente na pedagogia escolar e quase sempre como portadoras de temas e didáticas. Será difícil libertar-nos dessa visão didática das artes [...] é possível aproximar a arte da escola ou da docência e tratá-las, poética e esteticamente, com novas sensibilidades. Revelar dimensões ocultas. As artes podem mostrar-nos que em nosso ofício há poesia, emoção, fantasia, medo, ternura, tragédia [...] Materiais riquíssimos para um trato estético. Podem revelar perfis de mestres mais plenos e mais frágeis. (ARROYO, 2008, p. 127).

Atualmente, somos surpreendido, por diversas reportagens sobre a realidade educacional nacional na mídia televisiva, expondo as fragilidades e obstáculos do fazer pedagógico cada vez mais complexo, trazendo à tona que o currículo escolar está recheado de superficialidades, burocratizações e complicações do fazer docente. Inseridos nesse contexto, o coordenador pedagógico precisa fazer uso de sua sensibilidade entrelaçada com sua racionalidade, rompendo o perfil metodológico contemporâneo de se possibilitar uma aprendizagem fragmentada, como se aluno só aprendesse por partes.

Parece, portanto, que raciocínio lógico e sensibilidade (ou percepção estética) nem sempre estiveram separados como agora ocorre, ao menos da maneira expressa nos discursos cientificistas e nos métodos para a obtenção do conhecimento segundo ensinados em nossas escolas e assumidos publicamente pelos doutores na matéria. (DUARTE JR., 2001, p. 168).

Discute-se a ideia de uma escola que possibilite ao aluno uma formação para a vida em sociedade, pautada na concepção de que o discente deva ser visto num todo, que compete

a este desenvolver sua autocrítica, ou seja, conhecedor de causas e efeitos de suas ações no ambiente, ficando evidente que o inteligível deva caminhar lado a lado com o saber sensível. Ainda segundo Duarte Jr. (2001, p. 169), “Nesse nível, por conseguinte, mesclam-se lógica e sensibilidade, razão e sentimento, conceito e estesia, num caldeirão de ideias, novas percepções, novos olhares sobre o mundo e a vida.”

Portanto, a prática educativa que reproduz metodologias que considerem a formação de faculdades humanas isoladas, separando a sensibilidade do inteligível, provavelmente não atenderá às necessidades da sociedade contemporânea, uma vez que no dia a dia o cidadão precisa resolver seus problemas refletindo o todo da questão, enquanto sua formação escolar lhe preparou de forma fragmentada e descontextualizada da humanização.

Sendo assim, a escola, por meio do Supervisor Escolar e sua equipe de docentes, pode desenvolver estratégias que contextualizem as artes, as manifestações culturais, a diversidade étnica cultural. Acredita-se que, por meio de vivências estéticas, desencadeie-se o aprimoramento da percepção e do olhar sensível à real necessidade da sociedade atual, reconhecendo a arte de ser e viver neste mundo. Segundo Arroyo (2008, p. 127), é necessário surpreender e estreitar os laços entre cultura, educação e docência e para tal “[f]alta-nos deixarmos contaminar por outras formas de ver, sentir e ler a realidade”.

Pensar em educação estética convida a refletir sobre as práticas educativas fomentadas pelos docentes no cotidiano da escola, na possibilidade de renovar-se ou até inovar o fazer pedagógico, abrindo caminho para aulas que considerem a vida humana e a necessidade de se humanizar. A educação estética, nesse intuito, não pretende substituir estratégias de ensino, mas aprimorá-las a partir da mudança no perfil dos professores que passam a conceituar o aluno dentro de uma perspectiva mais humanística, de um ser capaz de aprender e apreender.

Trata-se de um outro olhar, um olhar marcado por profundo respeito, pelo cuidado, pela crença sincera na sua capacidade de aprender, de se superar, de se transcender, de melhorar. Isto exige prestar atenção no aluno, levá-lo a sério. O professor olha para o aluno não como alguém que um dia será uma pessoa, mas para quem já é uma pessoa. Não para alguém que um dia será um cidadão, Mas para quem já é um cidadão. Não olha com desconfiança, mas pautado na convicção de que todos podem aprender e, mais do que isto, têm direito de aprender! (VASCONCELLOS, 2009, p. 201).

Afinal, cidadania aprende-se na escola e esta precisa desvincular-se de ações pedagógicas que não estejam pautadas na

democracia e na participação. Nessa premissa, a educação estética pode contribuir com todos os sujeitos da aprendizagem, visto que se o Supervisor Escolar tiver seu saber lógico interligado com o saber sensível, provavelmente possibilitará ao professor vivências estéticas que podem desencadear no desenvolvimento da sensibilidade e da percepção humana. Ou seja, se o Supervisor Escolar participar de educação estética, tudo indica que no seu contexto escolar ofertará aos docentes momentos de contato com a arte, diferentes culturas, dentre outras vivências que contribuirão para a ampliação do seu repertório cultural e, conseqüentemente, dos sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, com base nos estudos de Nogueira (2008), Teixeira (2008), Cuche (2002) e Coelho (2008), dentre outros, o termo cultura pode receber inúmeros significados devido à diversidade de áreas em que está presente, bem como a que movimento ou época pode ser atribuída. A cultura é vista pelos autores em questão como um movimento de formação humana, que envolve diversos elementos culturais e sociais. Pensamento que contribui para o conceito de que o ser cultural é um ser humano dedicado a cultivar o saber, a ampliar seu olhar diante da realidade e de produzir cultura por meio das múltiplas possibilidades de manifestação artística e cultural.

Cultura resultante de vivências interativas que podem causar um afetamento decorrente das escolhas de cada sujeito ou do disponibilizado no meio social. Um repertório artístico e cultural que nos convida a refletir sobre os possíveis encontros entre a arte e a cultura, bem como sobre o desenvolvimento de um perfil cultural que instiga o sujeito a ampliar seu olhar investigativo, curioso, estético, refinado e emancipatório.

Pensemos juntos: Seria esse movimento da cultura? Ou seria isso Arte? Deixar-nos estesiados de tanta beleza e por inúmeros estranhamentos, colocar-nos imersos nessa gama de conhecimentos e de sensações, envoltos de pensares vinculados aos sentidos

aflorados pelo contato com as diferentes manifestações artísticas será papel da cultura ou cabe à arte? É... creio que seja de fato necessário que nossa sociedade compreenda melhor esse território da arte e a sua relação com a cultura! Qual sua relação com o jogo ideológico, político e econômico a que estamos submetidos diariamente... Como pode a arte – a cultura – nos provocar a pensar e a viver?

Neste texto, defino a **cultura** como um constante movimento complexo de construção, de desconstrução e de reconstrução, pautado nas interações individuais e que, por meio das diferentes manifestações artísticas e culturais, pode ser criadora de sensações, afetamentos e agenciamentos. A **arte** como um conjunto de movimentos que pode provocar sensações, afetamentos, estranhamentos, conexões e aproximações entre o objeto de arte e o ser humano em uma contínua relação entre os afectos e os perceptos.

Proponho pensar que ambas, a cultura e a arte, possuem importante papel na escola, desde que estes movimentos culturais sejam de promoção da cultura artística e não da cultura de civilização. Que a fomentação da arte seja natural, envolvente e convidativa e não limitadora de pensamentos. A arte que supera a função instrumental e que possibilita a sensibilização, a culturalização voltada à apreciação e à criação artística. A ideia de

reconhecer na escola um lugar para as diferentes manifestações artísticas que compõem um movimento cultural que, por sua vez, privilegia a formação estética e a mediação cultural.

Neste pensar, a escola é vista como um espaço educacional que possui potência para constituir-se um espaço cultural, que se encontra em constante movimento, que prepara para a vida, que possibilita a internalização de vários conceitos, que envolve a comunidade escolar na formação humana, integral e social.

Este texto trouxe ainda os estudos de Duarte Jr. (2001), Arroyo (2008) e Vasconcellos (2009) que instigam a pensar em uma escola que vai além do seu papel de possibilitar a aquisição do conhecimento, fomentando um ambiente em que este conhecimento é considerado e interligado a elementos culturais e artísticos que desencadeiem uma educação estética que valorize o ser humano, sua convivência em sociedade e sua sensibilidade.

Nesse sentido, ao Supervisor Escolar cabe fomentar a inserção de práticas pedagógicas, em parceria com os docentes, que contemplem a arte e a cultura a fim de primar pela sensibilização dos docentes e discentes, que por meio de vivências artísticas ampliam seu olhar crítico, desenvolvem sua percepção e sua imaginação, possibilitando a mobilização de aprendizagens relacionadas ao saber sensível no contexto escolar.

Alonso Muñoz. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____; _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. v. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos.** 4. ed. Curitiba: Criar, 2001.

GAUTHIER, Clermont.; MELLOUKI, M'hammed. O professor e seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 537-571, maio/ago. 2004.

NOGUEIRA, M. A. **Formação cultural de professores ou a arte da fuga.** Goiânia: UFG, 2008.

VASCONCELLOS, Celso S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** São Paulo: Libertad, 2009.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Uma celebração da colheita. In: TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S. M. **A escola vai ao cinema.** 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COELHO, T. **A cultura e seu contrário:** cultura, arte e política pós-2001. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru, SP: Edusc, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto